

## Mestre Eckhart

### Dois sermões sobre o Intelecto

*Esta tradução do nono e do sexagésimo nono sermões alemães de Mestre Eckhart foi realizada a partir do texto em alemão moderno de Josef Quint (Meister Eckhart, Deutsche Predigten und Traktate, hrsg. und übers. Josef Quint, Diogenes Verlag, Munique 1979, pp. 195-200 e 342-348)<sup>1</sup>. Sempre que necessário, esta foi confrontada com a tradução de Alain de Libera (ECKHART, Traités et Sermons, traduction, introduction, notes et index, GF-Flammarion, Paris 1993, pp. 275-280 e 369-375, respectivamente). As notas de rodapé de ambos os autores serviram de valiosa ajuda, sobretudo no que diz respeito à contrastação entre o médio-alto alemão e o alemão moderno.*

*Todas as citações da Bíblia foram conferidas, ainda que se optasse por fidelidade ao texto de Eckhart, visto este traduzir muito livremente do latim de modo a servir os seus intentos. Ao longo do texto foram usados os seguintes sinais convencionais:*

*< > inclui palavras ou expressões que não constam do texto original em médio-alto alemão;*

*[= ] inclui palavras que ajudam a esclarecer o sentido dos conceitos, expressões ou frases.*

L.A.

---

<sup>1</sup> Sermões publicados respectivamente como Sermão 10 e Sermão 40. Cfr. a edição crítica e tradução alemã moderna em MEISTER ECKHART, Deutsche Werke, Hrg. und übers. von Joseph Quint, I. Band: Predigten, W. Kohlhammer Verlag, Stuttgart 1958, 1986<sup>2</sup>, altdeutsche: pp. 141-157, übers. 462-466; MEISTER ECKHART, Deutsche Werke, Hrg. und übers. von Joseph Quint, III. Band: Predigten, W. Kohlhammer Verlag, Stuttgart 1976, 2000<sup>2</sup>, altdeutsche: pp. 159-180, übers. 535-539.



*Sermão 9*

Como uma estrela da manhã

*Quasi stella matutina*

*Quasi stella matutina in medio nebulae et quasi luna plena in diebus suis lucet et quasi sol refulgens, sic iste refulsit in templo dei.* (Eccli. 50, 6/7<sup>1</sup>)

«Como uma estrela da manhã no meio da névoa, como uma lua cheia nos seus dias e como um sol radioso, assim este brilhou no templo de Deus.»

Começo por tomar as últimas palavras: “templo de Deus”. O que é “Deus” e o que é o “templo de Deus”?

Vinte e quatro mestres encontraram-se para debater quem era Deus<sup>2</sup>. Reuniram-se a uma hora marcada e cada um deles expôs o que tinha a dizer. Escolho agora de entre essas exposições duas ou três. O primeiro falou assim: «Deus é algo em

---

<sup>1</sup> *Eclesiástico* [Sabedoria de Jesus, filho de Sirat], 60, 6-7: «Era como a estrela da manhã no meio das nuvens, como a lua nos dias de lua cheia, como um sol radioso sobre o templo do Altíssimo» (tradução dos frades capuchinhos: *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa 1976, p. 946). Cfr. Eckhart, *Sermones et Lectiones super Ecclesiastici*, cap. 24.

<sup>2</sup> Eckhart tem em mente o *Liber xxiv philosophorum* do Pseudo-Hermes Trimegisto. Josef Quint, em MEISTER ECKHART, *Deutsche Predigten und Traktate*, (Diogenes Taschenbuch, 1979) chama a atenção para somente a terceira citação corresponder realmente a uma proposição na obra referida, a saber, à XX: «*Deus est, qui solus suo intellectu vivit.*» («Deus é o único que vive do seu próprio intelecto»). Edição e tradução francesa desta obra em *Le livre des XXIV philosophes*, ed., trad., notes F. Hudry, Jérôme Millon, Paris-Grenoble 1989, cfr. pp. 153-155; ver nota seguinte).

relação ao qual todas as coisas mutáveis e temporais nada são, e tudo o que tem ser é insignificante perante Ele.» O segundo disse: «Deus é algo que está necessariamente acima do ser, que não necessita de ninguém em Si próprio e do qual todas as coisas precisam.» E disse o terceiro: «Deus é um intelecto<sup>3</sup> que vive no conhecimento único de si próprio.»

Ponho de lado a primeira e a última afirmação e trato da segunda, isto é, que Deus é algo que tem que ser necessariamente superior ao ser<sup>4</sup>. Aquilo que tem ser, tempo ou lugar, não chega a Deus: Ele é superior. Deus é<sup>5</sup> *em*<sup>6</sup> todas as criaturas, contanto tenham o ser, mas é-lhes, contudo, *superior*. Mesmo com aquilo que é *em* todas as criaturas é-lhes, contudo, superior, pois que aquilo que em múltiplas coisas é uno tem necessariamente que ser *superior* a essas coisas. Alguns mestres afirmaram que a alma se encontra somente no coração. Tal não é verdade e sobre isso se enganaram grandes mestres. A alma é completa e indivisa no pé e no olho, bem como em todos os órgãos. Se eu tomar uma porção do tempo, não será ela nem o dia de hoje nem o de ontem. Mas se eu tomar o *Agora*, este contém em si *todo* o tempo. O Agora [= instante presente] no qual Deus criou o mundo está tão próximo deste tempo como o Agora em que falo e o dia do Juízo Final está tão próximo deste Agora como o dia de ontem.

Um mestre diz: Deus é algo que age na eternidade, indiviso em Si mesmo<sup>7</sup>, algo que não necessita da ajuda de ninguém, nem de qualquer instrumento, e que permanece<sup>8</sup> em Si mesmo; não necessita de nada mas todas as coisas necessitam d'Ele e tendem para Ele como fim último. Este fim não tem qualquer modo específico: ultrapassa-o infinitamente. Diz S. Bernardo<sup>9</sup>: <O modo de> amar a

3 *Vernunft* será traduzido como *intelecto*, tendo em conta a oposição escolástica *intellectus / ratio*. Cf. *Liber xxiv philosophorum*, prop. xx: «*Deus est qui solus sui intellectu vivit*».

4 Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, 1 q. 8 a. 2 ad 3.

5 Opta-se neste passo por traduzir sempre o verbo *sein* por *ser*, de modo a manter a intenção de afirmação existencial expressa — a nosso ver — por *sein* no original alemão.

6 Excepto indicação em contrário, todos os itálicos se encontram no texto de Quint (op. cit.).

7 Cf. *Liber XXIV philosophorum*, prop. XIII: «*Deus est sempiternus agens in se, sine divisione et habitu*.» (Nota de Alain de Libera in ECKHART — *Traitées et Sermons* (Traduction et introduction par Alain de Libera), GF-Flammarion, Paris 1993)).

8 Traduz-se o verbo *verharren* por *permanecer* — e não *persistir* — tendo em conta a distinção de Mark Johnston. (Cf. BLACKBURN, Simon, *Dicionário de Filosofia*, Gradiva, Lisboa 1997.)

9 Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, *De Diligendo Deo*, c. I n. I e 6. n. 16

Deus, é um modo sem modo. Um médico que quer curar um doente não tem um modo de saúde <específico> de *quão* saudável quer que o paciente seja: tem um modo *com o qual* o quer curar; *quão* saudável ele quer o seu paciente não tem um modo <específico>: simplesmente quer torná-lo saudável tanto quanto lhe for possível. *O como* devemos amar a Deus não tem qualquer modo <específico>: devemos amá-lo tanto quanto nos for possível, i.e. *sem* modo.

Cada coisa age de acordo com o seu ser <próprio><sup>10</sup>; nada pode agir fora do seu ser. O fogo nada pode para além de agir na madeira. Deus age para além do ser, na imensidão onde se pode mover; age no não-ser. Antes de haver o ser já Deus agia; criou o ser quando este ainda não existia. Mestres ignorantes dizem que Deus é um ser puro, mas Ele é tão superior ao ser como o anjo supremo é superior a um mosquito. Dizer que Deus é um ser seria tão erróneo quanto dizer que o sol é pálido ou negro. Deus não é isto nem aquilo. E um mestre diz assim: Quem acredita que conheceu Deus e nesse acto julga ter conhecido algo, então não conheceu Deus. Quando eu disse que Deus não é um ser e que é *superior* ao ser, não o privei com isso do ser — muito pelo contrário, mais o [= o ser] elevei n’Ele. Se eu tiver cobre misturado com ouro, é claro que ele ali existe e de um modo superior ao de ser cobre em si mesmo. Diz Sto. Agostinho que Deus é sábio sem sabedoria, bom sem bondade e poderoso sem poder<sup>11</sup>.

Mestres menores ensinam na escola que todos os seres se dividem em dez modos<sup>12</sup> de ser, negando-os completamente a Deus. Nenhum destes modos de ser toca a Deus mas Ele também não carece de nenhum deles. O primeiro <modo de ser>, o que mais ser possui e no qual todas as coisas recebem o seu ser, é a substância; o último, o que menos ser possui, chama-se relação mas é igual em Deus Todo-Poderoso, àquele que contém o ser em maior grau: têm todos o mesmo arquétipo<sup>13</sup> em Deus. Em Deus os

---

<sup>10</sup> «*Ein jedes Ding wirkt in (seinem) Sein*» («*Ein ieglich dinc wüirket in wesene.*»). Optou-se aqui pela tradução do adágio escolástico «*operari sequitur ad esse*», como o faz Alain de Libera («*Toute chose opère selon son être propre.*») (op. cit.).

<sup>11</sup> Cf. STO. AGOSTINHO, *De Trinitate*, V, 1, 2; PL 42, 912.

<sup>12</sup> Os dez predicados do ser de Aristóteles.

<sup>13</sup> Optou-se por traduzir *Urbild* ora por *arquétipo*, ora por *ideia*, conforme o contexto. A imagem (*Bild*) só o é porque o arquétipo (*Urbild*) acede à imagem, e este último não deve ser confundido com o *modelo* (*Vorbild*): neste caso, a imagem seria segunda ou derivada, enquanto *Urbild* exprime a noção de “essência da imagem”. Note-se que na tradução de Alain de Libera não há qualquer distinção entre *Bild* e *Urbild*, do que discordamos.

arquétipos de todas as coisas são *iguais*, mas são arquétipos de coisas *diversas*. O anjo superior, a alma e o mosquito têm todos a mesma ideia em Deus. Deus não é ser nem bondade. A bondade adere ao ser e não o ultrapassa, pois caso não houvesse ser, não haveria a bondade, sendo o ser ainda mais puro que a bondade. Deus não é bom, nem melhor, nem o melhor de todos. Quem disser que Deus é bom faz-lhe tanta injustiça como se dissesse que o sol é negro<sup>14</sup>.

Mas eis que é o próprio Deus quem diz: «Ninguém é bom senão Deus.»<sup>15</sup> O que é bom? É bom aquilo que se comunica. Chamamos bom a um homem que dá algo de si e que é útil. Por isso diz um mestre pagão<sup>16</sup> que um eremita não é bom nem mau neste sentido, visto que não se comunica nem é útil. Deus é aquele que mais se comunica. Nenhuma coisa dá de si própria, pois nenhuma criatura é de si própria. Tudo o que as criaturas comunicam, recebem-no de outrem. Também não se dão a si próprias. O sol dá o seu brilho e permanece no mesmo sítio, o fogo dá o seu calor e continua a ser fogo; Deus, contudo, comunica o *Seu*, pois é por Si mesmo aquilo que é e em todas as suas dádivas dá-Se sempre primeiramente a Si. Dá-Se enquanto Deus, tal como é, em todas as Suas dádivas, tanto quanto o aceitar quem O quer receber. Diz S. Tiago: «Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes.»<sup>17</sup>

Quando tomamos Deus no ser, tomamo-l'O no Seu adro, pois que o ser é o Seu adro, no qual habita. Mas, onde está pois Ele no Seu templo, dentro do qual resplandece na sua santidade? O *Intelecto* é o templo de Deus. Em nenhum outro lugar habita Deus mais verdadeiramente do que no Seu templo, no intelecto, tal como nos dizia aquele outro mestre <citado no início>: Deus é um intelecto que vive no conhecimento único de si próprio, permanecendo somente em Si próprio, lá onde nunca nada o tocou, pois que lá existe só na sua tranquilidade. No seu próprio acto de conhecimento Deus conhece-se a Si próprio em Si próprio.

Tomemo-lo agora [= o conhecimento] tal como se encontra na alma, a qual possui uma gotinha, uma “centelha”, um “raminho” de intelecto. Ela [= a alma] tem potências que agem no corpo. Nela se encontra uma potência com a ajuda da qual o homem digere, e que funciona melhor à noite do que durante o dia. Graças

---

<sup>14</sup> Cf. a bula *In agro Dominico*, art. 28.

<sup>15</sup> Mat. 19, 17.

<sup>16</sup> Averróis.

<sup>17</sup> Tiago I, 17.

a esta potência o homem engorda e cresce. A alma tem ainda uma potência no olho graças à qual este é tão subtil e sensível que não percebe as coisas na sua rudeza, tal como são em si mesmas. Elas têm antes que ser peneiradas e purificadas no ar e à luz. E tal acontece porque o olho tem a alma em si. Há uma outra potência na alma com a qual ela pensa. Esta potência imagina em si as coisas não presentes de tal forma que eu as conheço tão bem como se as visse com os olhos, ou ainda melhor — posso imaginar perfeitamente uma rosa no inverno, — e com esta potência a alma age no não-ser e segue assim a Deus, o qual age no não-ser.

Um mestre pagão diz: A alma que ama a Deus toma-O sob a capa da bondade — mas tudo isto não são mais que as palavras dos mestres pagãos que foram citados até agora, os quais só conheciam à luz natural. Ainda não cheguei às palavras dos mestres sagrados, que conheciam numa luz muito superior. Dizia pois este mestre: a alma que ama a Deus toma-O sob a capa da bondade. O intelecto, contudo, retira a Deus a capa da bondade e toma-O nu, despido de bondade, de ser e de todos os nomes.

Ensinei eu na escola que o intelecto é mais nobre que a vontade e, contudo, pertencem ambos a esta luz <superior>. Um mestre de uma outra escola<sup>18</sup> afirmou que a vontade era mais nobre que o intelecto, pois que aquela toma as coisas como elas são em si mesmas, enquanto este as toma como elas são nele mesmo. É verdade. Um olho é mais nobre em si mesmo que um olho pintado numa parede. Continuo, contudo, a afirmar que o intelecto é mais nobre que a vontade. Esta toma Deus sob a roupagem da bondade. Aquele toma Deus na Sua nudez, despido de bondade e de ser. A bondade é uma vestimenta sob a qual Se esconde Deus e a vontade toma-O sob essa vestimenta. Se não houvesse qualquer bondade em Deus, a minha vontade não ansiaria por Ele. Quem vestisse de cinzento um rei no dia da sua coroação não o vestiria convenientemente. Não sou bem-aventurado por Deus ser bom. Não quero nunca pretender que Deus me faça bem-aventurado com a Sua bondade, pois Ele não quererá tal. Só sou bem-aventurado por Deus ser intelecto e porque disso sou sabedor. Diz um mestre: O intelecto de Deus é aquilo de que depende completamente o ser do anjo. Pergunta-se onde está o ser da imagem: no espelho ou naquele do qual ela [= a imagem] sai? Está [= o ser] mais verdadeiramente naquele do qual ela sai. A imagem está em mim, de mim, para

---

<sup>18</sup> Refere-se provavelmente a Gonçalo Hispano, mestre parisiense e depois geral dos franciscanos.

mim. Enquanto o espelho estiver em frente ao meu rosto, a minha imagem está no espelho; caso o espelho caia, desaparece a imagem. O ser do anjo depende de lhe ser presente o intelecto divino, no qual ele se conhece.

«Como uma estrela da manhã no meio da névoa». Dirijo a minha atenção agora para a palavra “quasi”, que significa “como”; é aquilo que as crianças chamam na escola um “advérbio”. É isto que eu tenho em vista em todos os meus sermões. A coisa mais verdadeira que se pode afirmar de Deus é que ele é “Verbo” e “Verdade”. Deus deu a Si próprio o nome de Verbo. Disse S. João: «No princípio era o Verbo»<sup>19</sup>, e quis com isto dizer que devemos ser como um “advérbio” junto a este Verbo. Tal como a “estrela livre”, da qual se derivou o nome de um dos dias da semana<sup>20</sup>, Vénus: ela tem muitos nomes. Quando precede o sol chama-se “estrela da manhã”; mas quando vem depois do sol, de modo a que este se põe primeiro, chama-se “estrela da tarde”. Por vezes segue o seu curso por cima do sol, e outras por baixo. De todas as estrelas é a que está sempre à mesma distância do sol; nunca se afasta ou aproxima, e mostra-nos com isso que aquele que quiser chegar a Deus terá que estar sempre perto e na presença de Deus, de modo a que nada o afaste de Deus, nem a felicidade, nem a infelicidade, nem qualquer criatura.

O texto prossegue: «Como uma lua cheia nos seus dias». A lua tem supremacia sobre toda a natureza húmida. A lua nunca está tão próxima do sol como quando está cheia e recebe a sua luz do sol sem intermediário. Mas o facto de ser o astro mais próximo da terra traz-lhe duas desvantagens: a de ser pálida e manchada e a de perder a sua luz. Nunca é a lua tão forte como quando se encontra o mais afastada da terra; pois é então que faz com que o mar mais se eleve; quanto mais diminui, menos consegue elevá-lo. Quanto mais a alma se eleva acima das coisas terrenas, tanto mais forte se torna. Quem não conhecesse mais do que as criaturas não precisaria de pensar em sermões, pois cada criatura está plena de Deus e é um livro. O homem que quiser alcançar aquilo que agora se expôs — e não é outro o meu propósito — terá que ser como uma estrela da manhã: estar sempre presente e junto a Deus, sem se afastar, e elevar-se acima de todas as coisas terrenas e ser um “advérbio” junto ao “Verbo”.

---

<sup>19</sup> João 1,1.

<sup>20</sup> «*Als der vr̄ie sterne, nach dem vr̄itac genant ist*»: O jogo de palavras “vr̄ie” (livre) e “vr̄itac” (sexta-feira) é intraduzível para português.



Há um Verbo<sup>21</sup> proferido: é o anjo, o homem e todas as criaturas. Há um outro Verbo, pensado e proferido, graças ao qual me é possível criar a imagem de algo. Mas ainda há um outro Verbo, não-proferido e de igual modo não-pensado, que nunca sai — permanece eternamente naquele que o profere. Está no Pai, que o profere, a ser recebido sem cessar e para sempre no interior. O intelecto age sempre para o interior. Tanto mais algo é subtil e espiritual, tanto mais poderosamente age para o interior; quanto mais forte e subtil o intelecto, tanto mais aquilo que ele conhece se une a ele e se torna uno com ele. Ora tal não acontece com as coisas corpóreas: quanto mais fortes, tanto mais agem para o exterior. A beatitude de Deus reside no agir-para-dentro<sup>22</sup> do intelecto, no interior do qual o “Verbo” permanece. É aí que a alma deve ser como um “advérbio”, e com Deus produzir *uma* só obra, para receber a sua beatitude no conhecimento suspenso em si mesmo em que Deus é bem-aventurado.

Para que sejamos sempre um “advérbio” junto a este “Verbo” nos ajude o Pai, o próprio Verbo e o Espírito Santo. Amén.

---

21 Segundo Quint, Eckhart distingue três acepções de Verbo: 1ª o verbo proferido e objectivado fora de Deus nas criaturas, 2ª o verbo humano pensado e imaginado, 3ª o verbo para sempre permanecendo no Pai, não proferido, nunca abandonando o círculo trinitário como segunda Pessoa da divindade.

22 «*Einwärtswirken der Vernunft*» no original.

*Sermão 40*

Um pouco e não me vereis<sup>23</sup>

*Modicum et iam non videbitis me*

*Modicum et iam non videbitis me.* (João 16, 16)

Acabo de citar esta frase em latim do Evangelho segundo S. João que lemos neste domingo. Disse Nosso Senhor aos discípulos: «Um pouco<sup>24</sup>, e não me vereis mais»<sup>25</sup>. Enquanto algo, por pouco que seja, se prender à alma, «não me vereis». Sto. Agostinho perguntou o que era a vida eterna e ele próprio respondeu dizendo: Perguntas-me o que é a vida eterna? Interroga e escuta a *própria*<sup>26</sup> vida eterna!<sup>27</sup> Ninguém melhor sabe o que é o calor do que aquele que *tem* o calor; ninguém sabe melhor o que é a sabedoria do que aquele que *possui* a sabedoria; ninguém sabe melhor o que é a vida eterna do que a própria vida eterna. Mas diz Nosso Senhor Jesus Cristo: «A vida eterna, ó meu Deus, é conhecer-te como o único e verdadeiro Deus»<sup>28</sup>.

---

<sup>23</sup> Cf. supra p. 9.

<sup>24</sup> Mestre Eckhart traduz o latim «*modicum*» pelo médio-alto alemão «*ein kleine oder ein wënic*» (alemão moderno «*ein kleines oder ein weniges*») certamente de forma a conseguir transmitir a ideia de pouca coisa ou de uma pequena (insignificante) coisa. O português «*um pouco*» não só transmite essa mesma ideia, como significa ainda um curto espaço de tempo, significado mais próximo do original «*Modicum et iam non videbitis me.*»

<sup>25</sup> Cf. João 16, 16.

<sup>26</sup> Todos os itálicos se encontram no texto de Quint.

<sup>27</sup> Cf. STO AGOSTINHO, *Sermo* 150, 8, 10; PL 38, 814.

<sup>28</sup> Cf. João 17, 3.

Quem conhecesse a Deus, ainda que à distância como através de um intermediário ou como numa nuvem, esse alguém nunca mais se apartaria do Senhor por um só momento, nem que lhe oferecessem o mundo inteiro. Imaginais vós, porventura, quão arrebatador é ver Deus sem intermediário? Diz Nosso Senhor: «Um pouco, e não me vereis mais». Todas as criaturas que Deus criou ou poderia criar se quisesse, tudo isso é pouco em comparação com Deus. O céu é tão grande e vasto que vós não me acreditaríeis, ainda que eu vo-lo dissesse. Pegasse alguém numa agulha e tocasse o céu com a sua ponta, aquilo que a ponta da agulha tocasse seria, em comparação com o céu e com este mundo inteiro, maior do que o céu e o mundo inteiro frente a Deus. Por isso se diz muito acertadamente: «Só um pouco, só mais um pouco, e não me vereis.» Enquanto alguma coisa da criatura brilhar em ti não vês a Deus, ainda que essa coisa seja muito pequena. Por isso diz a alma no Livro do amor: «Por todo o lado procurei aquele que a minha alma ama, mas não o encontrei»<sup>29</sup>. Encontrou anjos e muitas outras coisas, mas não encontrou aquele que a sua alma amava. E continuou ela: «Apartando-me um pouco deles logo achei aquele que a minha alma ama»<sup>30</sup>. Exactamente como se dissesse: «Quando deixei para trás todas as criaturas — aquilo que é pouco ou pouca coisa —, então encontrei aquele que a minha alma ama». A alma que quer encontrar Deus tem que se elevar acima de todas as criaturas.

Sabei pois: Deus ama a alma tão intensamente que, acaso alguém impedisse Deus de amar a alma, esse alguém tirar-Lhe-ia a vida e o ser e matá-Lo-ia, se é que assim podemos falar; pois é naquele mesmo amor com que Deus ama a alma que desabrocha o Espírito Santo e este mesmo amor é o Espírito Santo. Visto que Deus ama a alma tão intensamente, então a alma deve ser algo de igualmente grandioso.

Diz um mestre num livro sobre a alma<sup>31</sup>: «Se nada se interpusesse, o olho poderia divisar uma formiga ou um mosquito no céu». Falou acertadamente e referia-se ao fogo, ao ar e às outras coisas que se interpõem entre o céu e o olho. Mas diz um outro mestre: «Se não houvesse qualquer intermediário, o olho não veria absolutamente nada». E ambos têm razão.

---

<sup>29</sup> Cf. Cânt. 3, 2.

<sup>30</sup> Cf. Cânt. 3, 4.

<sup>31</sup> Cf. ARISTÓTELES, *De anima* II, 7, 419 a 5.

Diz o primeiro<sup>32</sup>: «Se não houvesse nenhum intermediário, o olho poderia divisar uma formiga no céu». E tem razão naquilo que diz. Se não houvesse qualquer intermediário entre Deus e a alma, esta veria Deus imediatamente; pois Deus não conhece qualquer intermediário e não tolera qualquer intermediário. Estivesse a alma completamente nua e livre de todo o intermediário, então Deus estaria para ela também nu e desvelado e dar-Se-lhe-ia completamente. Enquanto a alma não estiver despida e despojada de todo o intermediário, por mais pequeno que seja, não consegue ver Deus. Se houvesse um intermediário entre o corpo e a alma, ainda que somente da espessura de um cabelo, já não poderia haver entre eles uma união perfeita. Pois que aquilo que é certo para as coisas corporais é-o ainda mais para as coisas espirituais. Diz Boécio: Se queres conhecer a verdade pura, então põe de lado a alegria e o temor, a segurança, a esperança e o sofrimento. A alegria é um intermediário, o temor é um intermediário, a segurança, a esperança e o sofrimento — tudo intermediários. Enquanto olhares para as coisas e elas, por sua vez, olharem para ti, *não* verás Deus.

Diz, porém, o outro mestre<sup>33</sup>: Se não houvesse um intermediário, o meu olho não veria nada. Se eu puser a mão sobre o meu olho, não vejo a mão. Mas, se a puser à minha frente, então vê-la-ei imediatamente. Isso deve-se à materialidade que a mão possui; é, por isso, necessário que ela [= a materialidade] seja primeiro purificada e filtrada no ar e à luz e chegue <depois> ao meu olho como imagem. Isso pode-se observar num espelho: se o puseres frente a ti, a tua imagem aparece no espelho. O olho e a alma são, porém, também como um espelho, no qual aparece <tudo> o que lhe for posto à frente. Por isso não vejo a mão ou a pedra <em si> mas uma imagem da pedra; mas esta mesma imagem não a vejo numa outra imagem ou num intermediário, mas sim imediatamente e sem imagem, pois a imagem é o próprio e único intermediário, visto que a imagem é sem imagem, assim como a corrida não corre — causando, contudo, o acto de correr —, e a grandeza é sem grandeza, embora cause o <ser> grande. Por isso a imagem é sem imagem, pois não é vista em qualquer outra imagem. O Verbo eterno é o intermediário e a própria imagem, a qual é sem intermediário e sem imagem para que a alma compreenda e conheça Deus no Verbo eterno sem intermediário e sem imagem.

---

<sup>32</sup> Demócrito.

<sup>33</sup> ARISTÓTELES, *idem*, III, 8, 431b29-432 a 1.

Há uma potência na alma, o intelecto, que tem desde o início, desde que se torna consciente de Deus e desde que O saboreia, cinco propriedades. Em primeiro lugar: <essa potência> separa do aqui e do agora. Em segundo lugar: não se assemelha a nada. Terceiramente: é pura e sem mistura. Em quarto lugar: age e procura em si mesma. Em quinto lugar: é uma imagem.

Quanto à primeira propriedade: ela [=a potência] separa do aqui e do agora. «Aqui» e «agora» significam o tempo e o lugar. O «agora» é o mais pequeno lapso de tempo; não é nem uma porção nem uma parte do tempo; é antes um travo do tempo, uma ponta do tempo e um fim do tempo. E, porém, por mais pequeno que seja, tem que desaparecer; tudo o que toca ao tempo ou <ainda> ao sabor do tempo tem que desaparecer. Por outro lado, separa do aqui. «Aqui» significa o mesmo que lugar. O lugar em que me encontro é verdadeiramente pequeno. Contudo, por mais pequeno que seja, tem que desaparecer, se quisermos ver a Deus.

Quanto à segunda propriedade: ela não se assemelha a nada. Diz um mestre: Deus é um ser ao qual nada pode ser nem poderá vir a ser semelhante<sup>34</sup>. Diz, contudo, S. João: «Chamar-nos-ão filhos do Senhor»<sup>35</sup>. Se queremos ser os filhos de Deus, então temos que ser semelhantes a Ele. Como pode, pois, o mestre dizer que Deus é um ser ao qual nada se assemelha? Uma coisa temos que compreender: é porque esta potência não se assemelha a nada que ela se assemelha a Deus. Assim como Deus não se assemelha a nada, também esta potência não se assemelha a nada. Sabei que todas as criaturas buscam e agem de acordo com a sua natureza com o fim de se assemelharem a Deus. O céu nunca se moveria se não buscasse ou procurasse Deus ou uma semelhança com Deus. Se Deus não estivesse em todas as coisas, a natureza não agiria nem desejaria nada em coisa alguma; pois quer isso te agrade ou te cause dor, quer saibas ou não, secretamente e no seu âmago a natureza busca e anseia por Deus. Por mais sedento que um homem estivesse, sendo-lhe oferecido de beber ele *não* beberia se não houvesse algo de Deus na bebida. A natureza não desejaria nem comida nem bebida, nem vestes nem aposentos, nem nada em coisa alguma, se não houvesse algo de Deus nessas coisas, e assim <ela> procura secretamente, busca e anseia por nelas encontrar *Deus*.

---

<sup>34</sup> Cf. Maimónides: «*Deo autem nihil est nec dici potest simile*».

<sup>35</sup> Cf. 1º João 3, 1.

Quanto à terceira: é pura e sem misturas. A natureza de Deus é tal que não tolera nem mescla nem mistura<sup>36</sup>. De igual modo, esta potência não tem mescla nem mistura: nada de estranho pode ser nela encontrado nem nada de estranho se pode nela introduzir. Se eu dissesse de um belo homem que este era <simultaneamente> pálido e negro, far-lhe-ia injustiça. A alma tem que ser absolutamente sem mistura. Se alguém pusesse algo no meu capuz, ou lhe acrescentasse algo, logo que o vestisse usá-lo-ia com aquilo a mais que lhe tinha sido acrescentado. Quando saio, tudo o que levo vestido sai comigo. Quando retiramos a um homem aquilo em que se apoiou, trazemo-lo junto <com isso a que ele se apoiou>. Porém, um homem que não se apoiasse em nada e a nada se prendesse, um tal homem permaneceria completamente impassível, ainda que se revoltessem o céu e a terra, pois que ele não se prende a nada e nada se prende a ele.

Quanto à quarta: age e procura sempre interiormente. Deus é um ser <tal> que vive sempre no <nosso> interior mais profundo<sup>37</sup>. Por isso o intelecto se vira sempre para o interior. A vontade, pelo contrário, vira-se para o exterior à procura daquilo que ama. Quando, por exemplo, um amigo meu me visita, derrama-se a minha vontade com o seu [= da vontade] amor sobre ele e encontra nisso a sua satisfação. Diz S. Paulo: «Conhecemos a Deus como somos conhecidos por ele»<sup>38</sup>. Mas diz S. João: «Assim como é o conhecermos»<sup>39</sup>. Para que eu seja colorido é necessário que aquilo que pertence à cor esteja em mim. Jamais terei cor se a essência da cor não estiver em mim. Nunca verei Deus a não ser lá onde Ele Se vê a Si próprio. Por isso diz um homem santo: «Deus habita uma luz inacessível»<sup>40</sup>. Não devemos esmorecer por isso: se nos encontramos no caminho ou à entrada <dessa luz>, isso é bom; <ainda> estamos, contudo, longe da <própria> verdade, pois <ainda> não é *Deus*.

---

<sup>36</sup> Quint: «*keinerlei Vermengung noch Vermischung*». Os dois termos — “Vermengung” e “Vermischung” — têm significados extremamente próximos, significando ambos “mistura”.

<sup>37</sup> Quint: «*im Allerinnesten*» («*in dem allerinnigesten*») — transposição do *interior intimo meo* de S<sup>to</sup>. Agostinho.

<sup>38</sup> Cf. 1<sup>o</sup> Cor. 13, 12.

<sup>39</sup> Cf. 1<sup>o</sup> João 3, 2.

Quanto à quinta: é uma imagem. Prestai agora a maior das atenções e recordai bem isto — porque nisto tereis todo o meu sermão. A imagem e o arquétipo<sup>41</sup> são de tal forma unos e estão de tal forma unidos que neles não se pode discernir qualquer diferença. Podemos perfeitamente pensar o fogo sem o calor e o calor sem o fogo. Podemos também perfeitamente pensar o sol sem a luz e a luz sem o sol. Mas não podemos encontrar qualquer distinção entre a imagem e o arquétipo. E digo mais: nem Deus, com a Sua onipotência, consegue ver aí qualquer distinção, pois que a imagem e o arquétipo nascem juntos e morrem um com o outro. O facto de o meu pai morrer não implica que *eu* morra. Mas quando morremos, já não dizem: ele *é* o seu filho, mas sim ele *era* o seu filho. Se pintarmos uma parede de branco, ela é idêntica, visto que é branca, a toda a brancura. Mas se a pintarmos de negro, então está morta para toda a brancura. O mesmo se passa aqui. Se desaparecesse a imagem criada à imagem de Deus, então desapareceria também a imagem de Deus.

Quero ainda dizer mais uma palavra — na verdade, mais duas ou três. Ouvi pois com atenção! O intelecto vira-se para o interior e descobre todos os segredos da divindade, toma o Filho no <fundo do> coração do Pai e recebe-o no seu próprio âmago. O intelecto penetra no interior; não se satisfaz nem com a bondade nem com a sabedoria, nem com a verdade nem com o próprio Deus. Em boa verdade, satisfaz-se tão pouco com Deus como com uma pedra ou com uma árvore. Ele [= o intelecto] nunca descansa; lança-se no âmago onde brotam a bondade e a verdade e toma-O [= o ser divino] *in principio*, no início, onde a bondade e a verdade têm a sua origem ainda antes de terem um nome, ainda antes de brotarem para fora, num âmago superior à bondade e à sabedoria. A sua irmã, a vontade, satisfaz-se com Deus conquanto Ele seja bom. O intelecto, contudo, separa tudo isto, entra e abre caminho até à raiz donde brota o Filho e desabrocha o Espírito Santo.

Para que possamos compreender isto e viver para sempre na beatitude, assim nos ajude o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amén.

---

<sup>40</sup> Cf. 1º Tim. 6, 16.

<sup>41</sup> Quint: «*Bild und Urbild*». Cf. nota 13.